

A corrida política no Centro Oeste

Gisele Teixeira
de Brasília

Foi dada a largada para a eleição de 2002. Encerrado o prazo previsto pela legislação eleitoral para filiação e troca de partidos dos candidatos, no último dia 5, a disputa pelos governos dos estados e por uma cadeira no Senado começa a ficar acirrada em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Tocantins.

No Mato Grosso do Sul, Lúdio Coelho, eleito pelo PSDB em 1998, deve se aposentar no final desta legislatura, mas já tem sucessor: a deputada federal Marisa Serrado é a candidata pela coligação PMDB/PSDB/PFL e PPB. Ramez Tebet (PMDB), atual presidente da casa, trabalha pela reeleição.

Delcídio do Amaral Gomez, ex-diretor de Gás e Energia da Petrobras, que deixou o cargo recentemente, se filiou ao PT e é o candidato ao Senado da coligação que inclui ainda o PPS, PDT e outros partidos menores. O ex-governador Pedro Pedrossian, do PST, também é candidato.

No governo do Estado, Zeca do PT e seu atual vice, Moacyr Kohl (PDT), mantêm a dobradinha contra o atual prefeito de Campo Grande,

André Pucinelli (PMDB). A eleição também já está pegando fogo em Mato Grosso e a definição de nomes para o Senado depende da oficialização das candidaturas para o governo. Três já despontam: Antero Paes de Barros (PSDB), único senador a ter vaga garantida até 2007, é o candidato do governador Dante de Oliveira ao executivo.

O prefeito de Cuiabá, Roberto França, que saiu do PSDB para o PPS levando muita gente, monta uma segunda chapa ao governo, tendo como vice o senador Jonas Pinheiro (PFL).

O senador Carlos Bezerra, do PMDB, aparece com a terceira via para o governo de Mato Grosso, podendo se coligar com o PT. Se o PT decidir sair com candidatura própria, o nome mais cotado é o da deputada estadual Cerys Shlessarenko.

Bezerra foi a grande surpresa nesses últimos dias, pois o PSDB esperava (e ainda espera) uma coligação com o PMDB. "Mas a tendência é seguirmos mesmo para uma candidatura própria", diz Bezerra.

Pelo menos cinco nomes devem disputar o Senado no Mato Grosso. Aparecem na briga o deputado esta-

dual José Riva (PSDB), ex-presidente da Assembléia Legislativa que chegou a ameaçar rompimento com o partido se não fosse indicado. Vai concorrer com o governador Dante de Oliveira, que mantém seu nome para o Senado.

O ex-senador Júlio Campos é o candidato do PFL. O PMDB deverá ter um nome para substituir Carlos Bezerra e não se descarta uma candidatura do PT.

O Tocantins vive uma situação sui generis: os três senadores do estado trocaram de legenda. Em consequência, o PFL que tinha duas cadeiras, ficou com uma e o PPB, sem nenhuma.

O PSDB, que começou sem nada, ficou com duas. Todos são ligados a coligação União pelo Tocantins, uma frente formada por 16 partidos.

Ainda não há nenhum nome oficialmente definido para o Executivo estadual. O mais cotado pela situação é o secretário de Infra-Estrutura, Edmar Brito Miranda.

Apesar da hegemonia do governo, nesse aspecto situação e oposição vivem o mesmo dilema, pois ambas não têm candidato à sucessão de Siqueira Campos (PFL).